



# O Crime do Padre Amaro

Eça de Queirós

---

## A época: Portugal na segunda metade do século XIX

Para entender-se uma obra como *O crime do padre Amaro*, é preciso conhecer as circunstâncias históricas da época em que foi escrito e em que seu autor viveu. E para melhor entender o contexto histórico do Portugal da segunda metade do século XIX, é mister conhecer um pouco de sua história.

O reino português surgiu do Condado Portucalense, território localizado entre os rios Minho e Tejo. No ano de 1143, com o reconhecimento de Leão e Castela, estabelece-se o Reino de Portugal, sob o cetro de Afonso Henriques de Borgonha, seu primeiro rei.

Portugal manteve-se como nação independente até perder sua autonomia política para a Espanha, em 1580. Foram sessenta anos de cativo, em que o povo português se uniu em torno do mito sebastianista — a crença no retorno de D. Sebastião, que resgataria a dignidade do país — e da saudade das grandezas do passado, conquistadas além-mar — e enfeixadas em *Os Lusíadas*, de Camões, transformado, nessa fase, em "Poema da Raça Portuguesa", em "Hino Nacional" da pátria lusa.

Nem mesmo com a Restauração, em 1640, e a independência e autonomia que ela significava, a nação pôde recuperar a grandeza e o brilho anteriores: Portugal havia perdido parte de seu império e as esperanças, agora, voltavam-se para o Brasil. Com a invasão das tropas napoleônicas, em 1808 a família real vem para o Brasil, e a metrópole se vê na humílima condição de "colônia da própria colônia", sob o comando de um inglês — Beresford. Essa situação dura até 1820, quando a Revolução do Porto convoca a Assembleia Constituinte e D. João VI volta ao país.

A Independência do Brasil agravaria a situação político-econômica do reino que, em 1823, vê um golpe militar reinstalar o absolutismo, dissolvendo o Parlamento e suspendendo a Constituição. Após um período de turbulências, em que o país passa pela guerra civil provocada pelos irmãos Miguel e Pedro, na briga pelo trono (1832-1834), e depois pela coroação de uma rainha de apenas 15 anos — D. Maria —, Portugal se acha empobrecido e atrasado em relação à Europa, agora já francamente engajada no processo de industrialização e economicamente próspera.

O período conhecido como Regeneração (1851-1910) traria alguma estabilidade e certo desenvolvimento. Desencadeado pelo golpe militar do marechal Saldanha, esse período implementou a adesão do país ao capitalismo, com o revezamento, no poder, de um partido político mais conservador — o Regenerador — com outros menos conservadores: o Histórico, o Reformista e o Progressista. Portugal assistiu, então, a uma certa prosperidade no meio rural, ao par do enriquecimento do comércio urbano e das finanças. Essas mudanças determinaram o crescimento da burguesia rural que, enriquecida, vai para a cidade em busca do progresso e dos melhoramentos e passa a valorizar a vida cultural e a educação de seus filhos. Além da Universidade de Coimbra, a nação contava agora com as Escolas Médicas de Lisboa e Porto, o Curso Superior de Letras de Lisboa e a Escola Politécnica.

Aumenta o consumo de jornais e o romance conhece um período de verdadeiro desenvolvimento, impulsionado pelo interesse desse novo público leitor.

No entanto, a crise que o país atravessa ainda é grave e, embora tenha conhecido, no período, uma certa estabilidade, vê-a definhando, em face de suas dificuldades estruturais de Economia. E contempla uma Europa renovada no plano político, social, econômico e cultural. Não apenas contempla, mas se vê invadido pelas novas conquistas do velho mundo, já que uma juventude operosa e inteligente está atenta àquilo que lhes chega — em 1864 Coimbra se liga à rede europeia de caminho-de-ferro —, principalmente, de França.

O surgimento de uma evolução tecnológica e, por decorrência, cultural, tende a esvaziar os ideais românticos que prevaleceram por quase 40 anos.

Portugal assenta-se, incomodamente, numa situação que privilegia o processo oligárquico, com tendências conservadoras, o que impede a visão de novos horizontes sócio-político-culturais.

É nesse ambiente que floresce a "Geração de 70", influenciada pelos modelos franceses buscados em autores como Balzac, Stendhal, Flaubert e Zola.

Os jovens acadêmicos portugueses absorvem as teorias emergentes, tais como o Determinismo de Taine, o Socialismo "utópico" de Proudhon, o Positivismo de Auguste Comte, além do Evolucionismo de Darwin, entre outras novidades no campo das Ciências e da Filosofia.

Nesse cenário, um acontecimento é marcante: a *Questão Coimbrã*.

---

## A "Questão Coimbrã"

Chama-se *Questão Coimbrã* à polêmica literária que opôs os jovens revolucionários realistas de Coimbra e os defensores da tradição romântica de Lisboa.

Em Lisboa, o veterano Antônio Feliciano de Castilho escreve um posfácio à obra *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas, seu discípulo das letras. Esse posfácio ataca violentamente o ideário da "Geração de 70".

Instaura-se, abertamente, a rivalidade. De Coimbra, Antero de Quental, jovem líder do grupo que se opõe a Castilho, contra-ataca com o opúsculo intitulado *Bom-Senso e Bom-Gosto*, em 1865, no qual assim se dirige ao velho Castilho:

"... eu hei de sempre ver uma péssima ação, digna de toda a importância dum castigo, nas impensadas e infelizes palavras de V. Exa., dignas quando muito dum sorriso de desdém e do esquecimento. E se eu nem sequer me daria ao incômodo de erguer a cabeça de cima do meu trabalho para escutar essas palavras, entendo que não perco o meu tempo, que sirvo a moral e a verdade, censurando, verberando a desonesta ação de V.Exa."

Estava deflagrada a *Questão Coimbrã*, que se tornou também conhecida como *Polêmica do Bom-Senso e Bom-Gosto* e foi responsável pela introdução do Realismo-Naturalismo em Portugal. Eça de Queirós não participou da polêmica, embora estudasse Direito em Coimbra.

---

## O Realismo-Naturalismo

O Realismo-Naturalismo implica o distanciamento da postura subjetiva para o escritor, que se volta para a realidade exterior e não usa mais sua vida pessoal como ponto de partida para a criação da obra de arte. O interesse, agora, é pelo objeto externo, e não mais pelo sujeito.

Ocorre, assim, o aprofundamento da narrativa de costumes que já se cultivara no Romantismo e que se propõe, a partir daqui, a desnudar as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima, buscando, para ambas, causas naturais ou culturais. É preciso compreender e explicar o mundo real por meio da razão e do conhecimento científico. É necessário o embasamento, o apoio de teorias que auxiliem essa explicação.

Várias foram as correntes científicas que serviram como estofos à obra de arte realista-naturalista. Entre elas, cabe destacar:

- o **Determinismo de Taine**, segundo o qual o Homem — e seu comportamento e, portanto, a Arte — está condicionado a três fatores: a herança (determinismo biológico ou hereditário); o meio (determinismo social ou mesológico) e o momento (determinismo histórico);
  - o **Positivismo de Auguste Comte**, que defende a existência da razão e da ciência como fundamentais para a vida humana, pregando uma atitude voltada para o conhecimento positivo, concreto e objetivo da realidade;
  - o **Criticismo e o Anticlericalismo de Renan**, que prega uma revisão do papel histórico da igreja católica, apontando-a como "mistificadora da verdadeira fé";
  - o **Socialismo "utópico" de Proudhon**, que propõe a organização de pequenos produtores em associações de auxílio mútuo, calcado em ideias antiburguesas e anti-religiosas;
-

- o **Evolucionismo de Darwin**, que concebia o mundo como um processo de crescimento e de evolução e cuja repercussão provocou enorme revolução em outras ciências, inclusive as sociais.

Esse conjunto de ideias acabou por caracterizar a chamada "geração do materialista ou cientificista", assim designada pela semelhança entre as atitudes dos autores e dos cientistas.

O escritor, movido por sua preocupação com a objetividade, tende a compreender o homem — aqui, a personagem — como um "caso" que deve ser analisado à luz da ciência. A intensificação radical da abordagem científica na obra de arte acabaria por conduzir ao Naturalismo, que considera o homem como uma máquina dirigida por leis físicas e químicas, pela hereditariedade e pelo meio social, dirigindo seu interesse, principalmente, para temas da patologia humana e social.

As características comuns ao Realismo e ao Naturalismo podem ser assim esquematizadas:

- objetividade: exame da realidade exterior ao indivíduo, realidade captada pelo artista sem o intermédio da imaginação e do sentimentalismo;
- racionalismo: a inteligência é entendida como único meio para a compreensão da realidade objetiva;
- universalismo, impessoalismo: busca da verdade universal, impessoal, captada pelos sentidos e pela inteligência, e só aceita quando passível de ser testada, examinada, experimentada;
- arte compromissada, engajada: crítica, análise e denúncia da sociedade; preocupação e compromisso com a transformação social;
- contemporaneísmo: arte voltada para o seu próprio tempo, para os problemas de sua época;
- antiburguesismo, anticlericalismo, antitradicionalismo, antimonarquismo;
- preocupação formal: busca de clareza, de equilíbrio, de concisão no estilo, enxuto e limpo;
- lentidão da narrativa: descrições minuciosas, morosas, pormenorizadas das personagens, o que coloca o plano da ação e da narrativa em segundo lugar;
- linguagem predominantemente denotativa, com privilégio da metonímia em detrimento da metáfora;
- exaltação sensorial, linguagem sinestésica: só é verdadeiro o que pode ser captado sensorialmente.

Embora fossem contemporâneos e muitas vezes se tenham "interpenetrado", o Realismo e o Naturalismo apresentaram diferenças no enfoque dado ao tratamento dos assuntos e características próprias.

No Realismo, observa-se a "humanização" das personagens, agora "de carne e osso" e não mais divididas entre heróis incríveis e terríveis vilões. Entre outros, destacam-se os seguintes traços:

- psicologismo: análise psicológica das personagens, esféricas, dinâmicas;
- "humanização" das personagens: a mulher, geralmente adúltera e pecaminosa; o homem, fraco e covarde;
- enfoque da burguesia como classe social;
- fotografia objetiva da realidade;
- romance de "interpretação aberta", deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões.

Já o Naturalismo promove, muitas vezes, a "zoomorfização" das personagens, degradadas à categoria de animais sem drama moral, movidos por instinto. Vale destacar as características a seguir:

- abordagem científica da sociedade e dos atos humanos, com o privilégio dos aspectos doentios, patológicos, defeituosos e o afastamento do psicologismo e da profundidade realistas, a fim de examinar o plano científico e biológico;
- personagens degradadas, párias da sociedade, vistas como "produto da raça e do meio", não raro sublevadas à categoria animal, agindo por instinto, num processo conhecido como *zoomorfização* das personagens, através de comparações entre o homem e o animal;
- exame das classes inferiores, do proletariado, dos marginalizados;
- enfoque dos aspectos torpes e degradantes da realidade;

- romance de tese, experimental, calcado na experimentação científica, com preocupação social e política.

Na obra de Eça de Queirós, encontram-se elementos e características tanto da estética realista, quanto da naturalista; essa é a razão por que a crítica aplica, a ele, a denominação realista-naturalista. Cabe, no entanto, lembrar que o próprio Eça nunca fez diferenciação entre as duas denominações, empregando-as indistintamente.

---

## O autor: Eça de Queirós e a "bengalada do homem de bem"

José Maria Eça de Queirós nasceu em Póvoa do Varzim, em 1845. Faleceu em Paris, no ano de 1900.

Viveu os anos de sua formação distante dos pais, que só se casaram quatro anos depois de seu nascimento, tendo deixado o filho, primeiramente, aos cuidados da ama que o recebera no mundo e, depois, com os avós paternos. Embora nunca se tenha pronunciado a respeito das circunstâncias de seu nascimento ilegítimo e do afastamento dos pais — com quem só moraria depois de formado, e por algum tempo —, alguns biógrafos supõem estarem essas entre as possíveis explicações para a constante crítica à hipocrisia e às convenções sociais que se podem observar em sua obra.

Estudou Direito em Coimbra e participou ativamente do processo de implantação do Realismo em Portugal, mesmo não tomando parte na Questão Coimbrã: integrou o *Grupo do Cenáculo*, liderado por Antero de Quental, e, durante as *Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense*, proferiu a conferência "A Literatura Nova ou O Realismo como Nova Expressão da Arte". Foi, também, o autor do primeiro romance realista português, *O crime do padre Amaro*, de 1875.

Formado em 1866, aos 21 anos, Eça muda-se para a casa dos pais, disposto a iniciar a carreira literária e também a de advogado. Um ano depois, segue para Évora e lá dirige um jornal político. Em 1869, assiste à inauguração do canal de Suez e viaja pelo Oriente. Retorna a Portugal e passa um curto período em Leiria como administrador. Entra no serviço diplomático através de concurso e serve, sucessivamente, em Cuba, na Inglaterra e, a partir de 1887, em Paris, o centro da intelectualidade da época. Só foi reconhecido como filho legítimo aos 40 anos, pouco antes de casar-se, aos 41, com Emília de Castro Pamplona.

Um dos maiores prosadores da língua portuguesa, Eça de Queirós cultivou o romance, o conto, o jornalismo, a literatura de viagem e a hagiografia, tendo-se realizado notavelmente nos dois primeiros gêneros.

Dedicou-se com afinco à arte da palavra, sempre e obsessivamente em busca de uma perfeição que o içaria à condição de um dos maiores estilos da língua. Sobre a arte afirmou, em 1886:

"A Arte oferece-nos a única possibilidade de realizar o mais legítimo desejo da vida — que é ser não apagada de todo pela morte.

A Arte é tudo porque só ela tem a duração — e tudo o resto é nada!"

O estilo de Eça de Queirós é marcado pela naturalidade, pela fluência e precisão, pela oralidade antideclamatória e por uma ironia sutil, o que faz resultar a criação de uma nova linguagem literária, inusitada e vigorosa. Ao longo da evolução de sua obra, evidenciam-se três fases.

A primeira é a fase de iniciação literária, em que se observam ainda resíduos do Romantismo, como o clima fantasioso e a linguagem lírica, doce, suave. Pertencem a ela o romance *O Mistério da Estrada de Sintra*, escrito colaboração com Ramalho Ortigão e *Prosas bárbaras*. Nota-se nesse período a forte influência do romântico francês Victor Hugo.

A segunda fase apresenta os três "romances de tese" de Eça: *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e *Os Maias*. É a fase da crítica social e da adesão às ideias realistas, em que o autor, comprometido com a realidade do seu tempo, propõe-se a uma arte transformadora da sociedade, engajada no combate às instituições da época, como a burguesia, a monarquia, o clero, numa postura iconoclasta e irreverente.

Nesta fase, Eça se propõe, conforme revela em carta a Teófilo Braga, a "pintar a sociedade portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830, e mostrar-lhe, como num espelho, que triste país eles formam — eles e elas."

Na mesma carta, afirma que personagens como Luísa, a protagonista de *O primo Basílio*, e as outras, que formam as bases falsas da sociedade, "são bem bonita causa de anarquia no meio da transformação moderna; merecem partilhar com o Padre Amaro da bengalada do homem de bem."

A terceira fase corresponde à maturidade intelectual de Eça e apresenta obras de caráter construtivo, permitindo evidenciar-se uma concepção de vida mais ampla e humanitária; trata-se de um período otimista, de esperança, marcado pelo idealismo espiritualista e pelo culto dos valores da alma e da fé. São obras representativas desta fase *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*.

Além das citadas, vale lembrar, ainda, as seguintes obras de Eça de Queirós:

romance: *O mandarim*; *A relíquia*; *A capital*; *A correspondência de Fradique Mendes*, *O Conde de Abranhos*, *Alves e Cia*.

conto: *Contos* ⇒ destaque para os contos: "Civilização"; "Suave Milagre"; "O Defunto"; "José Matias"; "Perfeição"; "Singularidades de uma Rapariga Loura".

---

## O enredo

O principal tema de *O crime do padre Amaro* — romance que introduz o Realismo-Naturalismo em Portugal, em 1875 — é a crítica ao celibato clerical. No esteio de *Eurico, o presbítero*, do romântico português Alexandre Herculano — que, embora romântico, escreveu não apenas essa obra, mas um projeto em que se propõe a "examinar o celibato clerical à luz do sentimento" —, Eça de Queirós combate vivamente essa instituição da igreja católica, atacando dura e diretamente os jogos de aparências e o pseudomoralismo de que se costumam revestir certos dogmas e costumes religiosos. Entre esses, o descaso dos padres em relação à pobreza e à miséria e suas atitudes de bajulação para com os mais ricos e poderosos, a hipocrisia das beatas, a superficialidade de seus cultos religiosos e a mistificação da verdadeira fé, não apenas permitida, como até, na sua opinião, incentivada pela igreja.

Ao par do tema central, desenvolvem-se outros, como a exploração da miséria — pelas autoridades, pelos ricos e também pelos padres —; a discrepância entre o dizer e o fazer no convívio social; a hipocrisia das relações sociais, marcadas pela futilidade e pelo interesse e o costume provinciano de vigiar e comentar a vida alheia.

Narrada em terceira pessoa por um narrador onisciente, a história se passa em Leiria, pequena cidade provinciana de Portugal que tem sua vida e seus valores desmascarados ao longo da narrativa.

A ação inicia-se com o relato da morte do antigo pároco da cidade; já nesse início se pode observar o teor anticlerical que marcará a narrativa:

"Foi no Domingo de Páscoa que se soube em Leiria que o pároco da Sé, José Liguéis, tinha morrido de madrugada com uma apoplexia. O pároco era um homem sanguíneo e nutrido, que passava entre o clero diocesano pelo comilão dos comilões. Contavam-se histórias singulares da sua voracidade. O Carlos da botica — que o detestava — costumava dizer, sempre que o via sair depois da sesta, com a face afogueada de sangue, muito enfartado:

— Lá vai a jiboia comer! Um dia estoura!

Com efeito estourou., depois de uma ceia de peixe [...]. Ninguém o lamentou, e foi pouca gente ao seu enterro. [...]

Nunca fora querido das devotas; arrotava no confessionário; e, tendo vivido sempre em freguesias da aldeia ou da serra, não compreendia certas sensibilidades requintadas da devoção: perdera, por isso, logo ao princípio, quase todas as confessadas, que tinham passado para o polido padre Gusmão, tão cheio de lábia!"

Com a morte de José Miguéis, ficou disponível o cargo de pároco, e dois meses depois se soube em Leiria que havia sido nomeado outro, um padre muito novo, "saído apenas do seminário". As pessoas atribuem sua nomeação a influências políticas, e logo começam as conjecturas e boatos a seu respeito. Afinal, o único que o conhecia era o cônego Dias, seu antigo mestre de Moral no seminário.

---

O cônego Dias vivia com uma irmã, D. Josefa Dias, e era considerado rico na cidade. Satisfeito com a nomeação do antigo pupilo, passa a exaltar as qualidades deste na praça, na botica, na sacristia, enfim, nos lugares onde houvesse paroquianos para ouvir.

Algum tempo depois, recebe uma carta de Amaro, pedindo-lhe que providenciasse um local onde pudesse ficar. O cônego decide levá-lo para a casa de S. Joaneira, uma senhora sua amiga, que já tinha recebido outras pessoas como hóspedes anteriormente. Alertado pelo coadjutor para a questão de que havia na casa uma moça, Amélia, e de que isso poderia gerar comentários maldosos, já que Amaro também era jovem, o cônego, animado pelo dinheiro que a amiga ganharia hospedando o pároco, não se deixa convencer:

"— Ora, histórias! Então o padre Joaquim não vive debaixo das mesmas telhas com a afilhada da mãe? E o cônego Pedroso não vive com a cunhada, e uma irmã da cunhada, que é uma rapariga de dezenove anos? Ora essa!"

A chegada do padre Amaro acontece uma semana depois, à noite. Recebido festivamente pelo cônego e pelo adjutor, foi conduzido à casa de S. Joaneira, onde o aguardava já uma ceia, da qual participa também o cônego, assíduo frequentador da casa. Durante a ceia, os dois conversam, recordando-se dos antigos tempos. Quando o cônego finalmente sai, encontra-se com Amélia, filha de S. Joaneira, que está chegando.

Amélia é "uma rapariga forte, alta, bem-feita"; vinha de um passeio e, como corra, estava corada. O cônego despediu-se dela e partiu, enquanto Amaro dirigia-se ao quarto que lhe fora reservado. Depois, antes de dormir, enquanto repetia suas orações maquinais, ainda ouviu o tique-taque das botinas e o farfalhar das saias engomadas que ela despia.

A este ponto, o narrador interrompe seu relato para fazer um pequeno "flash back" sobre a vida de Amaro. E revela que o pároco nascera em uma rica casa, em Lisboa, a residência da marquesa de Alegros, para quem seus pais trabalhavam como criados, sendo a mãe muito querida da patroa. Órfão de ambos aos seis anos — o pai morrera de apoplexia e a mãe, tísica —, Amaro foi criado pela marquesa que, beata, desde logo intentou fazê-lo seguir a carreira eclesiástica.

Acanhado, medroso, Amaro dormia com a lamparina acesa e na companhia de uma velha ama. Cresceu entre as criadas e, quando a marquesa saía, elas o vestiam de mulher e riam muito; agradavam-no bastante, também, e usavam-no em suas intrigas. O menino acabou tornando-se "enredador, muito mentiroso".

Quando a marquesa morreu, deixou-lhe em testamento um legado para que ele entrasse no seminário aos quinze anos e se ordenasse padre. Até completar tal idade, Amaro passou um tempo na casa de um tio, onde sofreu muito, esperando o seminário como uma libertação:

"Entrou no seminário. Nos primeiros dias os longos corredores de pedra um pouco úmidos, as lâmpadas tristes, os quartos estreitos e gradeados, as batinas negras, o silêncio regulamentado, o toque das sinetas — deram-lhe uma tristeza lúgubre, aterrada."

No entanto, logo se habituaria à nova vida, chegando, inclusive, a tirar boas notas. Quando se ordenou, recebeu uma carta de um padre a quem a marquesa o recomendara, avisando-o de que a quantia que recebera como legado já tinha acabado. Estava, assim, por sua própria conta; dois meses depois foi designado como pároco de Feirão, na serra da Beira Alta, um lugar pobre e sem qualquer possibilidade de melhora.

Em busca de melhores condições de vida, Amaro vai a Lisboa tentar um cargo melhor e, graças à ajuda da filha mais nova da finada marquesa, a essa altura já casada com um conde influente, consegue a nomeação como pároco de Leiria.

Findo o *flash back*, a narrativa volta ao presente, destacando os comentários dos habitantes de Leiria sobre a chegada de Amaro à cidade. Detalhes sobre o novo pároco são assuntos em cada ponto: sua bagagem, o modo como tratava o cônego etc. Em casa, S. Joaneira mostra às beatas as coisas do padre, convidando-as a visitá-la à noite, para conhecê-lo.

À noite, estão todas lá, pontualmente: D. Josefa Dias, a rica viúva D. Conceição e Joaquina e Ana, as irmãs Gansosos. O padre é o centro das atenções; todas querem saber sua opinião sobre a cidade, já que ele saía com o cônego durante o dia. É esta a primeira vez que Amaro presta atenção a Amélia:

"Amaro olhou para ela, pela primeira vez. Tinha um vestido azul muito justo ao seio bonito; o pescoço grande e cheio saía de um colarinho voltado; entre os beijos vermelhos e frescos o esmalte dos dentes brilhava; e pareceu ao pároco que um buçozinho lhe punha aos cantos da boca uma sombra sutil e doce."

Estava a um canto da sala João Eduardo, um rapaz alto, de bigode, vestido de preto. Criticado pelas beatas por não crer nos milagres da Santa de Arregaça, responde que só fez repetir o que escutara dos médicos: "aquilo é doença nervosa". Amaro pergunta quem é a santa e é informado de que se trata de uma mulher presa ao leito há vinte anos, que sabe rezas e realiza milagres, chegando mesmo a levitar.

Após servido o chá, Amélia toca piano, acompanhada por Artur Couceiro, um rapaz que canta modinhas. Depois, durante o jogo da loto, Amélia arruma um lugar para Amaro ao seu lado, para jogar. Cria-se um certo clima entre ambos, percebido por João Eduardo, que usa de ironia ao despedir-se da moça:

"— Muitos parabéns por ter quinado com o senhor pároco. Que entusiasmo! [...]"

Ao retirar-se para dormir, Amaro demora-se pensando no dia que passara e nas pessoas que conhecera, principalmente Amélia. Vai buscar água e vê

"[...] num relance Amélia, em saia branca, a desfazer o atacador do colete: estava junto do candeeiro e as mangas curtas, o decote da camisa deixavam ver os seus braços brancos, o seio delicioso. Ela deu um pequeno grito e correu para o quarto."

Apesar do susto, Amélia diz-lhe onde pegar água e ele vai até lá, mas a visão o perturbava definitivamente: durante a noite, a moça ouve-o andando pelo quarto. Também insone, põe-se a recordar seu passado, da infância ao primeiro namorado, que a trocara por outra, o que a levou a buscar abrigo na religião.

Amaro vive dias tranquilos e confortáveis em casa de S. Joaneira: pela manhã, rezava a missa, mecanicamente; à metade do dia, sentava-se na companhia de Amélia e sua mãe, enquanto elas costuravam; ao jantar — "a sua hora perigosa e feliz" — conversava alegremente, animado pelo calor do vinho e à noite, os serões, normalmente com a presença do cônego Dias. Assim, "quando descia para o seu quarto, à noite, ia sempre exaltado."

A intimidade entre Amélia e o pároco aumenta a cada dia. Mas às segundas e quartas-feiras João Eduardo visitava Amélia, e esses eram os piores dias para Amaro: ficava no quarto até as nove horas, evitando o encontro com o escrevente.

É aniversário do abade de Cortegassa e Amaro e o cônego vão jantar com ele, que cozinha muito bem. Lá estão, também, dois padres, Natário e Brito, e Libaninho, um beato de maneiras afetadas. A conversa gira em torno das "estratégias" usadas pelos padres para exercer o controle sobre os fiéis e de comentários maliciosos sobre algumas raparigas. O padre Natário comenta o envolvimento da mulher do regedor com o padre Brito, que reage, negando tudo. Depois da refeição, vão dar um passeio e Amaro decide voltar sozinho. No caminho, encontra Amélia que, saltando o valado, cai sobre ele, que a agarra e beija violentamente. Amélia sai correndo e o padre fica aterrado com a própria atitude.

O narrador informa o leitor de que Amélia já estava gostando de Amaro, desesperando-se quando pensava que não era correspondida. Chega a pedir proteção à virgem à noite, ao voltar para casa.

Atordoado, amedrontado, Amaro resolve mudar-se e comunica sua decisão ao cônego, que se sente aliviado, pois a presença do pároco estava atrapalhando seus encontros amorosos com S. Joaneira. Os dois vão falar com Amélia e a mãe, que ficam muito chateadas com a novidade.

Amaro muda-se para uma casa "de um andar, muito velha, com a madeira carunchosa". É servido por Vicência, uma criada muito devota, que o cônego lhe arrumara. Sua vida agora tinha-se tornado monótona; passara a evitar Amélia e, um dia, ao encontrá-la com a mãe à missa, foi instado por S. Joaneira para que as fosse visitar.

Amélia, por sua vez, vivia à espera de uma visita de Amaro e até adoecera, tendo o médico aconselhado à mãe que a casasse logo.

Amaro vai visitá-las e é recebido festivamente. O clima de intimidade entre ele e Amélia não apenas logo se restabelece, como também aumenta, o que provoca maiores ciúmes ainda em João Eduardo, que a adverte da inadequação de seu comportamento em relação ao padre. Amélia pede a Amaro para ser mais discreto em suas atitudes.

Louco de ciúme, João Eduardo, não conseguindo dormir certa noite, dirige-se à redação do jornal *Voz do Povo*, cujo redator, Agostinho, é seu parente. O diretor do jornal é o doutor Godinho, chefe do grupo da Maia, contrário ao Governador Civil. Agostinho, assim como João Eduardo, também odeia os padres e, durante a conversa que têm naquela noite, incita-o a escrever um artigo contra eles. O artigo contém um ataque tão direto e violento, que o doutor Godinho só autoriza sua publicação caso saia como um "comunicado" redigido por um "liberal".

No mesmo dia da publicação do "comunicado", João Eduardo escreve uma longa e queixosa carta a Amélia, reclamando de sua falta de atenção e reiterando o grande amor que lhe tinha:

"Se tu soubesses como eu te quero, querida Ameliazinha, que até às vezes me parece que te podia comer aos bocadinhos!"

Não chega a entregar a carta: ao chegar à casa dela para fazê-lo, encontra os padres e mais algumas pessoas às voltas com a leitura do "comunicado", todos revoltados, pois a descrição de cada um dos padres possibilitava sua identificação. Embora tentasse se controlar, percebia-se que até o cônego Dias estava nervoso com a situação.

João Eduardo sente-se satisfeito com a repercussão de seu artigo e ainda mais quando, ao encontrar o diretor do jornal, este o parabeniza e lhe promete o emprego que ele desejava há tempos. O escrevente corre à casa de Amélia e, não a encontrando, conta do emprego a S. Joaneira, aproveitando para fazer-lhe o pedido de casamento.

Amélia, que desde o domingo estivera alterada por causa do "comunicado", chega e a mãe conta-lhe tudo, mostrando-lhe que se trata de um bom negócio:

"Por isso nessa tarde à janela, calada, olhando no telhado defronte voarem os pardais depois de saber que João Eduardo, certo do emprego, viera falar enfim à mãe — pensava com satisfação no desespero do pároco ao ver publicados na *Sé* os banhos do seu casamento. Depois as palavras muito práticas da S. Joaneira trabalhavam-lhe silenciosamente na alma; o emprego do Governo Civil rendia 25\$000 réis mensais: casando, reentrava logo na sua respeitabilidade de senhora; e se a mãe morresse, com o ordenado do homem e com o rendimento do Morenal podia viver com decência, ir mesmo no verão aos banhos... E via-se já na Vieira, muito cumprimentada pelos cavalheiros, conhecendo talvez a do governador civil.

— Que lhe parece, minha mãe? — perguntou bruscamente. Estava decidida pelas vantagens que entrevia; mas, com a sua natureza lassa, desejava ser persuadida e forçada.

— Eu ia pelo seguro, filha — foi a resposta da S. Joaneira.

— É sempre o melhor — murmurou Amélia entrando no quarto. E sentou-se muito triste aos pés da cama, porque a melancolia que lhe dava o crepúsculo tornava-lhe agora mais pungente a saudade 'dos seus bons tempos com o senhor pároco'.

Nessa noite choveu muito, as duas senhoras passaram sós. A S. Joaneira, repousada agora das suas inquietações, estava muito sonolenta, a cada momento cabeceava com a meia caída no regaço. Amélia então pousava a costura, e com o cotovelo sobre a mesa, fazendo girar o abajur verde do candeeiro, pensava no seu casamento; o João Eduardo era bom rapaz, coitado; realizava o tipo de marido tão estimado na pequena burguesia — não era feio e tinha um emprego: decerto o oferecimento da sua mão, apesar das infâmias do jornal, não lhe parecia, como a mãe dissera, 'um rasgo de mão-cheia'; mas a sua dedicação lisonjeava-a, depois do abandono tão covarde de Amaro; e havia dois anos que o pobre João gostava dela... Começou então laboriosamente a lembrar tudo o que nele lhe agradava — o seu ar sério, os seus dentes muito brancos, a sua roupa asseada.

Fora ventava forte, e a chuva, fustigando friamente as vidraças, dava-lhe apetites de confortos, um bom lume, o marido ao lado, o pequerrucho a dormir no berço — porque seria um rapaz; chamar-se-ia Carlos e teria os olhos negros do padre Amaro. O padre Amaro... Depois de casada, decerto, tornaria a encontrar o

senhor padre Amaro... E então uma ideia atravessou todo o seu ser, fê-la erguer bruscamente, ir por instinto procurar a escuridão da janela para ocultar a vermelhidão do rosto. Oh! isso não, isso não! Era horrível!... Mas a ideia implacavelmente apoderara-se dela como um braço muito forte que a sufocava e lhe dava uma agonia deliciosa. E então o antigo amor, que o despeito e a necessidade tinham recalcado no fundo da sua alma, rompeu, inundou-a; murmurou repetidamente, com paixão, torcendo as mãos, o nome de Amaro; desejou avidamente os seus beijos — oh! adorava-o! E tudo tinha acabado, tudo tinha acabado! E devia casar, pobre dela!... Então à janela, com a face contra a escuridão da noite, choramingou baixinho. Ao chá a S. Joaneira disse-lhe, de repente:

— Pois a coisa, a fazer-se, filha, deve ser já... Era começar o enxoval, e se fosse possível casar-te para o fim do mês."

Amélia acaba decidindo-se pelo casamento, apesar da dor que sente por ter de separar-se de Amaro. No entanto, pesam muito as vantagens de um marido com um bom emprego e o conforto material e social que isso representaria. Horrorizada, chega a imaginar a possibilidade de, casada, ser amante do padre; afasta esse pensamento, escandalizada. E escreve uma carta a João Eduardo, aceitando seu pedido.

O padre Natário informa Amaro do noivado de Amélia; o pároco fica chocado, pois estava só esperando passar o calor dos boatos suscitados pelo "comunicado" para voltar à casa da moça. Acaba concluindo que, por mais que doesse, era melhor.

A próxima visita de Amaro à casa da rua da Misericórdia acontece na segunda-feira seguinte: o ambiente é tenso e o padre Natário ainda chega com a notícia da transferência do padre Brito — também referido no "comunicado" — e de algumas atitudes severas que o senhor Chantre tomaria em relação aos outros padres.

O padre Natário resolve investigar a autoria do "comunicado" e reata com o padre Sivério, com quem estivera brigado longo tempo; toda a cidade comenta. Com efeito, logo ele fica sabendo — já que Silvério é o confessor da mulher do doutor Godinho. Procura Amaro e conta-lhe que o autor é João Eduardo; ambos decidem destruir o escrevente. Tratam de atrapalhar-lhe a concretização do emprego prometido por Godinho e Amaro relata tudo a Amélia, exortando-a a desmanchar o noivado com um homem tão pecador e perigoso. Essa conversa ocorre quando ele vai à casa de S. Joaneira ministrar os últimos sacramentos a uma tia entrevada de Amélia e fica a sós com a moça. Naquela mesma noite, ao chegar João Eduardo, Amaro dispensa-o da porta, argumentando que as duas precisavam descansar.

No dia seguinte, Amaro pede a D. Josefa Dias que lhe traga Amélia à Sé, convencendo-a a tomá-lo como confessor, pois ele era mais severo que o padre Silvério e, portanto, mais adequado a uma moça naquelas condições.

João Eduardo recebe uma carta de Amélia pondo fim ao relacionamento entre os dois; tenta inutilmente falar com ela e vai procurar ajuda. Primeiramente, o doutor Godinho recusa-a, irritando-se com ele; a seguir, ao procurar o doutor Gouveia, que sempre lhe dera especial atenção ouve a seguinte ponderação:

"[...] Tu e o padre quereis ambos a rapariga. Como ele é o mais esperto e o mais decidido, apanhou-a ele. É lei natural: o mais forte despoja, elimina o mais fraco; a fêmea e a presa pertencem-lhe."

Inconformado, desolado, o escrevente caminha pela rua e encontra um amigo, o tipógrafo Gustavo, jovem de ideais revolucionários e liberais, que, como ele, detesta o clero. Almoçam, bebem, conversam e começam a pensar numa vingança contra os padres. Depois do almoço, alterado pelo vinho que tomara, João Eduardo, ao deparar com Amaro, que vinha andando com o padre Silvério, descontrola-se e agride o pároco com um murro, atingindo-o no ombro.

O escrevente é levado ao administrador e o pároco o livra, intercedendo por ele, já que o processo causaria um escândalo que lhe seria prejudicial também. O padre Amaro acaba sendo considerado um santo e é muito elogiado pelas beatas; todos enaltecem sua atitude. Por outro lado, a João Eduardo, desesperado, só resta chorar.

Uma semana após tais acontecimentos, Amélia e a mãe encontram o beato Libaninho, que as informa da situação ruim que Amaro está vivendo, já que sua criada adoecera, e sugere que o acolham de novo em

casa. No mesmo dia, Amélia vai jantar na casa do cônego; Amaro vai também e seus pés se encontram por baixo da mesa. Encarregado de acompanhar a moça, pois o cônego não se sente bem e S. Joaneira não pode buscá-la, o pároco a leva para sua própria casa, dispensando a irmã da criada com a desculpa de que precisa ouvir em confissão. Lá, finalmente, Amélia não resiste e o processo de sedução se concretiza.

No dia seguinte, o pároco, alegre, não sente remorsos, pois os outros padres fazem a mesma coisa. Assim, preocupa-se mais com a irmã da criada do que com o pecado que cometera. Esta, no entanto, mostra certa compreensão e aconselha-o a ter cautela, chegando a recomendar-lhe que use a casa do sineiro para os encontros, porque poderá ser mais discreto e Amélia também.

Depois de rezar a missa, Amaro vai falar com o sineiro e diz-lhe que precisa da casa para orientar, em segredo, uma jovem que quer ser freira. O sineiro, então, recomenda o quarto do andar superior, que fica em cima do de sua filha, a Totó, que é paralítica. Como ela não sai do leito, não haverá qualquer problema.

Acertado com o sineiro, o pároco precisa de uma desculpa para que Amélia possa sair e ir ao seu encontro: inventa para as beatas que alguém precisa catequizar Totó e escolhem Amélia. Está construído o álibi e, a partir daí, o casal passa a se encontrar na casa do sineiro pelo menos uma vez por semana. Quando saem, Totó ou olha para Amélia desconfiada, ou esconde a cabeça nos cobertores.

Os encontros se sucedem e Amaro passa um tempo muito feliz: tudo vai bem. Amélia entregara-se a ele de corpo e alma, em total e absoluta doação, e o padre adorava o domínio que exercia sobre a moça, pois isso o compensava de humilhações passadas e presentes. Quando começou a ter ciúmes dela, tornou-se possessivo e autoritário, proibindo-a de participar qualquer atividade da vida secular e enaltecendo a própria condição de servo da igreja. A moça aceita tudo, submissa e escrava, imaginando-se protegida dos céus por servir a um padre.

Totó passa a nutrir verdadeiro ódio e versão por Amélia e a externar seu incômodo com o barulho que os encontros do casal provocavam, fazendo ranger o assoalho. Começa a gritar imprecações enquanto eles estão no quarto, e Amélia vai ficando tensa e perde o prazer, por mais que Amaro tente tranquilizá-la a respeito. Instala-se na moça uma sensação de pecado que a faz pensar em não voltar mais a encontrar-se com o pároco.

Um dia, estão os dois na sacristia, preparando-se para ir à casa do sineiro, e Amaro cobre Amélia com uma capa de cetim azul, que uma beata acabara de mandar para vestir uma santa. Excitado, começa a beijá-la e a acariciá-la, e ela, embora no começo também se excite, acaba revoltando-se e recusando-se a ter relações sexuais com ele naquele dia. À noite, a moça tem um terrível pesadelo e adoce a seguir.

Preocupada com a filha, S. Joaneira pede ao cônego que vá investigar o que se passava entre Amélia e Totó, pois a moça, quando chegava, depois de catequizá-la, vinha sempre branca e muito fraca. O cônego, então, acompanha Amélia no dia seguinte.

Totó estranha o padre desconhecido e não maltrata Amélia, mas assim que esta vai à cozinha, pergunta ao cônego pelo "outro", "o que vai com ela para o quarto". O cônego compreende tudo e procura Amaro, para repreendê-lo, mas este o pressiona, revelando saber do caso do antigo mestre com S. Joaneira. Assim, acabam compreendendo-se e prometendo discrição um ao outro.

As coisas melhoram para Amaro, agora com o caso sob a proteção do cônego. Amélia, no entanto, não vai bem, anda nervosa e dorme mal. Certo dia, o pároco anuncia nervosamente ao cônego que a moça está grávida de um mês. Conversam e tentam achar uma solução, concluindo que o melhor é casá-la com alguém. Mas não sabem por onde anda João Eduardo, e põem a criada Dionísia à procura do rapaz.

Amélia, que a princípio se revoltara contra a ideia dos dois padres, acaba acostumando-se a ela, o que desperta violento ciúme em Amaro, que chega a esbofeteá-la. Porém, a procura pelo escrevente dera em nada: corriam até boatos de que ele teria partido para o Brasil. Amélia chora com a notícia e passa a chorar também durante os encontros com Amaro, que por isso aos poucos se tornam desagradáveis.

A irmã do cônego, D. Josefa Dias, fica doente e isso dá a Amaro a ideia de outra solução: procura o cônego e sugere que este leve S. Joaneira para os banhos, enquanto Amélia — que fora enfermeira dedicada de D. Josefa — acompanharia sua irmã à Quinta da Ricoça, nos Poiais. Assim, lá ela poderia ter o filho sem

que ninguém soubesse. O cônego concorda e tudo se faz da maneira com o pároco tinha pensado. A essa altura dos acontecimentos, Totó morre.

Aconselhado pelo cônego a não ir à Ricoça para não despertar suspeitas, Amaro passa um período de solidão e desconforto emocional. Enquanto isso, Amélia, na quinta com D. Josefa, amaldiçoa a própria vida, pois é tratada com frieza e censura pela beata. O padre Ferrão passa a visitá-las e a moça, vendo nela maneiras compreensivas e receptivas, resolve abrir-se em confissão.

Amaro fica sabendo onde João Eduardo está morando e vai contar a Amélia, com a desculpa de visitar D. Josefa. O encontro dos dois é tenso e grave. Ao despedir-se, tenta beijá-la, mas ela anuncia que está tudo acabado e que já basta o que tinham pecado. Vai embora furioso, não sem antes avisá-la da proximidade do escrevente.

Com raiva, Amaro resolve mudar sua conduta em relação a Amélia e passa a ser frio e indiferente, com a intenção de comovê-la. Consegue o intento e Amélia volta para ele. Dionísia conta-lhe que há uma certa Carlota que adota crianças rejeitadas, dando depois fim a elas. Ele vai falar com a "tecedeira de anjos" e sonda a situação. Enquanto isso, continua visitando Amélia pela manhã, para não encontrar o padre Ferrão.

Amélia quer o filho e não concorda com a ideia de rejeitá-lo. Fala ao padre Ferrão que se casaria com João Eduardo, se ele adotasse a criança, que se chamaria Carlos. Amaro, por sua vez, não sabe o que fazer: se dá a criança para uma ama cuidar ou se a entrega a Carlota. Com medo, já que Libaninho lhe havia informado que o chantre sabia de um escândalo com um padre, decide-se por Carlota; assim, não deixaria vivo quem lhe pudesse atrapalhar a vida.

Nasce a criança e é entregue a Carlota na mesma noite. Amaro sente carinho pelo filho e recomenda a Carlota que cuide bem dele, que não o deixe morrer. Amélia quer ver o filho, mas o doutor Gouveia manda Dionísia distraí-la. Ao insistir, a moça começa a passar mal e acaba morrendo.

Enquanto isso, Amaro, que esperava Dionísia com notícias, tem que ir à igreja fazer um batizado. Ao voltar, é informado por ela da morte de Amélia. Desesperado, corre até a casa de Carlota, para tentar salvar o filho, mas é tarde: já havia morrido.

Desconsolado, desesperançado, o pároco só pensa em partir de Leiria, que se transformara numa cidade maldita para ele. Fala com o bispo e parte para Lisboa na mesma tarde. No dia seguinte, João Eduardo junta-se silenciosamente às pessoas que acompanham o enterro de Amélia.

Tempos depois, "nos fins de maio de 1871", em meio a grande agitação em Lisboa, Amaro e o Cônego Dias encontram-se. Abraçam-se e conversam animadamente sobre as novidades de Leiria, sem que qualquer um apresente sinais de remorso ou arrependimento por tudo o que lá se passara.

---

## As personagens principais

- **Amaro:** A personagem é mostrada como um jovem que se tornou padre sem qualquer vocação: assim como "virou" padre, poderia exercer qualquer outro cargo que se lhe impusesse. Desregra-se na vida sacerdotal e procura justificar seus desmandos com um discurso religioso.
- **Amélia:** Jovem atraente aos olhos do padre Amaro. O crime do padre é consumado: Amélia engravida, tem um filho que Amaro entrega a uma "fazedora de anjos" — assassina de bebês. Amélia morre de uma hemorragia pós-parto.
- **João Eduardo:** Jovem escrevente, apaixonado por Amélia, sofre pelo amor que dedica à jovem.
- **Cônego Dias:** Dentro da crítica feroz do escritor à Igreja Católica, o tal Cônego Dias mantém uma relação criticável com a mãe de Amélia.
- **D. Josefa Dias:** Irmã do Cônego Dias. Mulher intrigueira, cujo aspecto físico condiz com o caráter desprezível.
- **Joaquina e Ana:** "as irmãs Gansosos". Duas figuras que reforçam, como outras, a exemplo da viúva D. Maria da Conceição, a relação que o narrador impõe às características físicas e morais de representantes da sociedade portuguesa à época de Eça de Queirós.

## O foco narrativo

Eça de Queiroz dá preferência à narrativa em terceira pessoa, a partir de um narrador-onisciente, recurso que lhe permite cravar o bisturi da crítica à sociedade portuguesa de seu tempo e ao clero.

---

## O tempo

Predomina o tempo cronológico, com alguns lances de retrospectiva, de que o narrador se vale para apresentar e caracterizar algumas personagens.

---

## O espaço

Leiria situa-se no interior de Portugal. Lá se localiza o ambiente da obra: a sacristia, a casa das beatas e a casa do sineiro, local em que Amaro e Amélia se encontram para seus idílios.

---

## Atividades

Leia atentamente o texto abaixo:

“No dia seguinte havia missa na Sé, e a S. Joaneira e Amélia atravessaram a Praça para ir buscar D. Maria da Assunção, que em dias de mercado e de populacho nunca saía só, receosa que lhe roubassem as joias ou lhe insultassem a castidade.

Nessa manhã, com efeito, a afluência das freguesias enchia a Praça; os homens em grupo, atravancando a rua, muito sérios, muito barbeados, de jaqueta ao ombro; as mulheres aos pares, com uma fortuna de grilhões e de corações de ouro sobre peitos pejados; nas lojas, os caixeiros azafamavam-se por trás dos balcões alastrados de lençaria e de chitas; nas tabernas apinhadas gralhava-se alto; pelo mercado, entre os sacos de farinha, os montões de louça, os cestos de broa, ia um resgatar sem fim; havia multidão ao pé das tendas onde reluzem os espelinhos redondos e transbordam os molhos de rosários; velhas faziam pregão por trás dos seus tabuleiros de cavacas; e os pobres, afreguesados à cidade, choramingavam padres-nossos pelas esquinas.

Já senhoras passavam para a missa, todas em sedas, de rostinho sisudo; e a Arcada estava cheia de cavalheiros, tesos nos seus fatos de casimira nova, fumando caro, gozando o domingo.

Amélia foi muito olhada; o filho do recebedor, um atrevido, disse mesmo alto de um grupo: ‘Ai, que me leva o coração!’ E as duas senhoras, apressando-se, dobravam para a Rua do Correio, quando lhes apareceu o Libaninho de luvas pretas e cravo ao peito. Não as tinha visto desde ‘o desacato do Largo da Sé’, e rompeu logo em exclamações. Ai, filhas, que desgosto aquele! O malvado do escrevente! [...]”

Eça de Queirós, O crime do padre Amaro

1. Comente o que foi “o desacato da Sé” a que o texto se refere.
  2. Por que ocorrera “o desacato da Sé”?
  3. Quem denuncia a relação entre os padres e as beatas da região de Leiria? De que forma essa personagem faz isso?
  4. Qual é o verdadeiro alvo da crítica do autor, nesse romance: as pessoas ou uma instituição?
  5. De que maneira — ou através de que atitude — Amaro explicitou o que sentia por Amélia?
  6. De que maneira Amaro descobre o envolvimento do cônego com S. Joaneira?
-